

EDITORIAL

Numa série televisiva muito emocionante – *Le Bureau des légendes* (em italiano com o título *Le Bureau: sotto copertura*) – que apresenta alguns agentes dos serviços secretos franceses actuando como infiltrados em países distantes, a certa altura há um diálogo muito interessante. No episódio final da quinta temporada, Guillaume, o protagonista da série, o agente infiltrado mais hábil, e Marie-Jeanne, que está a tomar conta do gabinete, são vistos a falar. No diálogo entre os dois, que não tem realmente lugar mas que é imaginado ou sonhado, Guillaume, que destruiu literalmente a vida de muitas pessoas durante as suas missões, afirma que não só se sente “todo-poderoso”, mas na realidade é: “Quando destruímos a vida de outras pessoas estalando os nossos dedos somos todo-poderosos”. “Mas não é esse o poder”, Marie-Jeanne responde então. O verdadeiro poder, diz ela, é “ser capaz de reconstruir”.

Estava a pensar neste diálogo ao dar forma a esta edição de *Dehoniana*, na qual uma grande parte das contribuições reflecte sobre o tema da “reparação”. Reparação, tão cara à herança dehoniana – o n. 23 das *Constituições* trata dela explicitamente – é de facto a capacidade de reconstruir onde há laços quebrados, fracassos que parecem irremediáveis, ódios que dividem e destroem. A Comissão Teológica Europeia reflectiu sobre este tema a partir de uma comparação com as teses de um trabalho filosófico dedicado à ética da reparação. Fê-lo a partir de uma perspectiva interdisciplinar, oferecendo perspectivas de reflexão sobre a reparação a partir de vários pontos de vista: da lógica do mal à perspectiva ecuménica, da teologia sacramental à ecologia, até a análise do tema no seio da herança dehoniana. As contribuições da Comissão Teológica Europeia constituem o “dossier central” desta edição. Dois outros artigos, que se complementam, reflectem também sobre o tema: o primeiro, de Eduardo Emilio Agüero, é um estudo exegético, com uma inclinação académica, sobre a passagem em 1Ts 4,3-8 que serve de fundo bíblico para a definição, que encontramos nas *Constituições*, de reparação como “acolhida do Espírito”; o segundo, de Daniel Kouobou, parte de uma situação muito concreta e dramática e pergunta como os acontecimentos da história – neste caso a guerra em curso em algumas regiões dos Camarões – podem provocar um verdadeiro “*aggiornamento*” da nossa tradição carismática.

Seguem-se outras contribuições: um estudo exegético de Delio Ruiz sobre o tema da oblação de Jesus a partir da passagem de 1Pd 2,18-25; um esclarecimento de Aimone Gelardi sobre a relação entre os Sacerdotes do Sagrado Coração e as Servas do Sagrado Coração; a

segunda parte da análise de Angelo Arrighini sobre as cartas circulares do Padre Bourgeois cujo centenário de nascimento foi celebrado no ano passado; a sétima parte das recordações de D. Joseph Philippe sobre a origem e o desenvolvimento da Congregação. A completar a questão está a recordação de dois confrades que morreram este ano e que deram um notável contributo para o estudo do Padre Dehon e da herança carismática dehoniana: o Pe. André Perroux (1931-2022) e o Pe. Yves Ledure (1934-2022). São lembrados, com um breve perfil, por Aimone Gelardi e Stefan Tertünte respectivamente, ambos ex-directores do *Centro de Estudos Dehonianos*.

O verdadeiro poder não é destruir, mas sim ser capaz de reconstruir. A afirmação que eu recordava antes tem um significado teológico importante. Deus age na história para reconstruir o que o “pecado do mundo”, no sentido joanino do termo, mina e destrói. A obra divina de reconstrução atinge o seu clímax no mistério pascal, quando o Filho unigénito mostra o poder infinito de um amor que – afundando-se na lama do mal mais destrutivo – renova, cura, reconstrói. Aqui encontramos a raiz mais profunda da reparação. Elemento central do nosso património carismático, precisa sempre de ser repensada e aprofundada. A esperança é que esta edição de *Dehoniana* possa contribuir para isso.

Stefano Zamboni, scj